



Sala de Leitura Laura Sandroni



Laura fala durante a cerimônia

BIBLIOTECA DE ESCOLA MUNICIPAL DO RIO RECEBE O NOME DE LAURA SANDRONI

A fundadora da FNLIJ e especialista de Literatura Infantil e Juvenil, Laura Sandroni, foi homenageada no dia 10 de julho durante uma emocionante cerimônia de inauguração da Sala de Leitura que levou seu nome no Ginásio Experimental Olímpico - GEO Juan Antonio Samaranch, em Santa Tereza, Zona Sul do Rio de Janeiro. Acompanhada por suas filhas Luciana, Clara e pelo neto Pedro, Laura foi recebida com muito carinho por uma animada plateia de alunos da escola.

Entre os convidados para a inauguração, na mesa da cerimônia, estiveram presentes Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ, Catharina Baptista e Martha Gomes, da Secretaria Municipal de Educação, ao lado da diretora Ana Quintella e da coordenadora Mariane Cantazaro do GEO Juan

Antonio Samaranch. Na plateia, também assistindo ao evento, as professoras do município Alexandra Figueiredo, colaboradora da FNLIJ, e Jenny Iglesias Polydoro Fernandes, vencedora do Concurso Leia Comigo! de 2017.

A professora da sala de leitura, Tânia Almeida, iniciou a cerimônia chamando ao palco a aluna Júlia, que leu a biografia de Laura Sandroni. Em seguida, a diretora Ana Quintella declarou que a sala de leitura foi fruto de um longo trabalho da escola e que a presença de Laura na inauguração é uma grande honra para todos. *Nossos alunos consomem muitos livros. A sala é toda de vocês, a literatura está farta para todos os gostos*, disse a diretora. Elizabeth Serra demonstrou sua alegria ao ver a sala cheia de jovens para celebrar seu espaço

de leitura. *Nós, da FNLIJ, acompanhamos todo o trabalho da instalação da biblioteca na época do Concurso Escola de Leitores do Instituto C&A, quando Laura começou a ir ao GEO e é com muita emoção que estamos aqui para celebrar esse espaço que agora tem o nome dela*, declarou. Martha Gomes, que iniciou o processo de revitalização da sala de leitura quando era a responsável pelo espaço, lembrou de quando conheceu Laura. *Tudo começou quando a escola em que eu trabalhava, a Rivadavia Correa, ganhou o Concurso Escola de Leitores, iniciativa do Instituto C&A em parceria com a FNLIJ e a SME. Laura acompanhou nosso projeto durante quase um ano, mensalmente e ficava uma manhã inteira na escola. Para mim era um privilégio estar com ela. Hoje estou muito feliz, é um sonho rea-*

PÁGINA 2
Bibliotecas
Ecofuturo no Rio
Grande do Sul

PÁGINA 3
Conselheiros Gestão
FNLIJ 2017/2020

PÁGINA 3
Cursos de LIJ da
FNLIJ para SME
Rio de Janeiro

lizado, afirmou, emocionada.

Ao falar, Laura agradeceu a todos. *Estou muito feliz por estar aqui vendo essa meninada em uma escola que trabalha a cultura, que é fundamental. Todo o trabalho realizado pela FNLIJ é exatamente de procurar fazer com que todo mundo leia. Espero que a biblioteca se amplie cada vez mais. Muito obrigada pela atenção.*

Antes da abertura da Sala de Leitura Laura Sandroni, os alunos do 6º ano apresentaram o rap da paz.

Segundo Tânia, a ideia de batizar a sala veio de Martha, quando assumiu o espaço. O GEO Juan Antonio Samaranch também ganhou o Concurso Escola de Leitores, mas Martha não pôde viajar para Colômbia em 2014 por causa de uma fratura na clavícula. Tânia viajou em seu lugar e o professor Cláudio Elias passou a ser o responsável pela sala. Após um ano, com a liberação da verba do Prêmio pelo Instituto C&A, a Sala de Leitura entrou em reforma e o professor Claudio se aposentou. Tânia assumiu a função e, enquanto o espaço não ficava pronto, ela dava aulas nas salas dos próprios alunos. O acervo conta com 1/3 dos livros que já existiam no espaço e o restante veio de alguns empréstimos da SME e da compra no 19º Salão FNLIJ, com a verba que a

prefeitura destinou à escola e também da verba recebida no concurso. Para a seleção de títulos, a escola contou com a assessoria da Mídia Educação, de Luciana Sandroni e de Tânia.

A participação de todos na escola foi importante durante o processo. Os alunos fizeram mutirão para ajudar na reforma e os professores também cooperaram. *Enfim, todos da escola se apropriaram do espaço e o sucesso foi garantido. Os alunos estavam ávidos pela inauguração e pela presença tão querida e estudada da escritora Laura Sandroni e família, disse Tânia.*

Laura foi convidada novamente à escola no dia 9 de agosto, dessa vez para participar de uma tertúlia Literária na Sala de Leitura. Os alunos recitaram poemas do livro *Grandes poemas em boca miúda*, da Arte e Ensaio, com organização dela e de Luiz Raul Machado, além de Machado de Assis, Castro Alves, Ferreira Gullar, Casimiro de Abreu, entre outros. Laura se animou e recitou *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, de cor.

Segundo Luciana Sandroni, presente ao evento, a professora da Sala de Leitura, Tânia, pediu para cada aluno comentar sobre um poema. *Uma apresentação diferente e como foi bacana a leitura*



Martha Gomes, Laura Sandroni, Tânia Almeida e Ana Quintella



Laura com Luciana e alunos dia 9 de agosto

dos livros. Foi um encontro muito simpático! No final todos os alunos foram cumprimentá-la, disse Luciana.

Em meio às notícias de violência nas escolas, que impõe a falta de aula a milhares de alunos, o grupo de jovens surpreende pelo entusiasmo em ter no seu local de estudo uma sala de leitura com livros de literatura de qualidade.

Mais duas Bibliotecas Ler é preciso Ecofuturo no Rio Grande do Sul

O projeto Biblioteca Comunitária Ler é preciso Ecofuturo, dando continuidade ao trabalho de implantação de bibliotecas deste ano, iniciado nas cidades de Marília, Bebedouro e Campinas em São Paulo, promove no Rio Grande do Sul a instalação de mais duas unidades nas cidades de Igrejinha e Nova Hartz.

A execução do projeto é realizada pela FNLIJ, responsável pela seleção do acervo, pelos cursos de formação de leitores para os profissionais que atuarão nas unidades e, posteriormente, pela supervisão da aplicação do plano de trabalho e do que foi transmitido nos cursos. A parceria do Instituto Ecofuturo e da FNLIJ para as Bibliotecas Comunitárias Ler é preciso completam 16 anos.

Em Igrejinha, a implementação será na Biblioteca Pública Prof. Gustavo Adolfo Köetz, que fica no parque que recebe os eventos da cidade. As profissionais que vão ministrar os cursos são escolhidas pela FNLIJ. A bibliotecária Glaucia Mollo é responsá-



Biblioteca Pública de Igrejinha

vel pelo curso de Auxiliar de Biblioteca e a professora Alexandra Figueiredo, pelo de Promotor de Leitura.

Na cidade de Nova Hartz a unidade será na Biblioteca Pública do Município. Os cursos serão ministrados por Glaucia Mollo (Auxiliar de Biblioteca) e pela professora Lucilia Soares (Promotor de Leitura).



Dr. Vicente Porto, Isis Valéria, Marisa Borba e Elizabeth Serra



Amir Piedade, Anna Rennhack, Isis Valéria, Roberto Leal, Wander Soares, Marisa Borba, Christine Fontelles e Diogo Drumond

Eleita gestão FNLIJ 2017-2020

Aconteceu no dia 3 de agosto de 2017 a Assembleia Geral Ordinária da FNLIJ na sede do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Snel) no Centro do Rio de Janeiro. Os instituidores, mantenedores e membros dos Conselhos Curador, Diretor, Fiscal e Consultivo foram convocados para participar da eleição dos conselhos para o triênio 2017-2020.

A presidente do Conselho Diretor, Isis Valéria deu início a Assembleia chamando à mesa, Marisa Borba, do Conselho Diretor, e Elizabeth Serra, secretária geral da FNLIJ. Para apresentar o Balanço 2016/2017, Isis passou a palavra para Anna Maria Rennhack, do Conselho Curador.

Isis também fez uma retrospectiva dos eventos de destaque que ocorreram nas duas últimas gestões que atuou como Presidente e membro do Conselho Diretor, quando foram realizadas as duas edições da Feira Literária de São Bernardo do Campo. Ela destacou a edição da Feira de Bolonha de 2014, ano em que o Brasil foi o país homenageado e o ilustrador Roger Mello ganhou a Prêmio Hans Christian Andersen do IBBY, indicado pela FNLIJ.

Elizabeth Serra falou sobre a realização do 19º Salão FNLIJ do Livro, que perseverou em sua missão de divulgar a LIJ, mantendo o encontro de crianças e jovens com o livro e seus autores mesmo sem patrocínio.

Em seguida, Isis apresentou a nova chapa para a gestão

2017/2020 da FNLIJ, aprovada por todos os presentes, destacando o currículo do novo Presidente e membro do Conselho Diretor, Wander Soares, que iniciou sua carreira no mercado do livro aos 16 anos, tendo dirigido a editora Ática por 15 anos, assim como a editora Saraiva, também por 15 anos. Foi presidente da Associação Brasileira de Editores de Livros (Abrelivros) e atualmente está na coordenação nacional do Pensamento Nacional das Bases Empresariais, além de fazer parte do conselho do CIEE (Centro de Integração Empresa Escola).

FNLIJ 2017-2020

CONSELHO CURADOR: Anna Maria Rennhack, Christine Baena Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Ísis Valéria Gomes, Leonardo Chianca e Roberto Ferreira Leal.

CONSELHO DIRETOR: Wander Soares (Presidente), Marisa de Almeida Borba e Daniele Cajueiro. **Conselho Fiscal:** Titulares: Henrique Luz, Jorge Henrique Carneiro e Marcos Veiga Pereira; Suplentes: Amir Piedade, Diego Drumond e Lima e Paulo Rocco.

CONSELHO CONSULTIVO: Alfredo Weisflog, Annete Baldi, Beatriz Bozano Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José de Alencar Mayrink, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Cunha e Silvia Gandelman.

Em sua fala, Wander lembrou que 2018 será de comemorações para a FNLIJ. *Nós temos no ano que vem o 20º Salão e os 50 anos da FNLIJ. Isso não pode passar em branco e vamos pensar em como fazer com seja repercutido em todo o país, declarou.*

Cursos de LIJ da FNLIJ para SME-RJ completam 12 anos

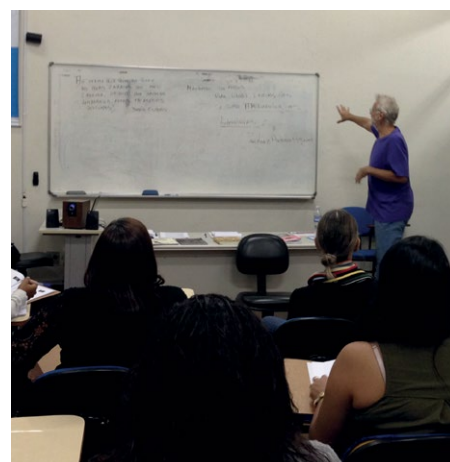
A FNLIJ e a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro iniciaram a 12ª edição dos Cursos de Literatura Infantil e Juvenil para os professores da rede municipal em agosto de 2017.

As aulas irão até o mês de novembro com o objetivo de contribuir para a formação leitora dos professores, por meio do conhecimento e da leitura intensiva de livros de LIJ.

Os cursos deste ano, ministrados na Escola de Formação do Professor Carioca Paulo Freire, no Centro da cidade, são: XII

Curso Leitura, Literatura e Formação de Leitores (80 horas), VIII Curso Leitura e Literatura desde o Berço (40 horas) e VII Curso Jovens Leitores (40 horas).

Esta edição tem como professores escolhidos pela FNLIJ Adriana Didier, Adriana Guedes, Alexandra Figueiredo, André Brown, Christiane Mello, Dayane Cabral, Gláucia Mollo, Leonor Werneck, Luiz Antonio Aguiar, Máira Lacerda, Maria Beatriz Serra, Marisa Borba, Ninfa Parreiras, Ricardo Benevides, Sonia Travassos, Vânia Resende e Viviane Siqueira.





Verónica Uribe recebe a medalha



Verónica Uribe e Constanza Mekis, presidente do IBBY Chile

Verónica Uribe recebe a *Medalla a la Trayectoria IBBY Chile*

A escritora, tradutora e editora chilena Verónica Uribe recebeu em julho a *Medalla a la Trayectoria*, do IBBY Chile, por seus 40 anos de trabalho em prol da Literatura Infantil e Juvenil. A distinção reconhece, pelo conjunto da obra, personalidades no campo da literatura infantil, seja na escrita, ilustração, tradução, pesquisa ou promoção da leitura.

Verónica Uribe estudou jornalismo no Chile e em 1976 foi para Venezuela, onde trabalhou com o Banco del Libro, seção IBBY do país. Em 1978, fundou com Carmen Diana Dearden a primeira editora especializada em livros para crianças na Venezuela, a Ediciones Ekaré. A editora também participou, entre 1988 e 1992, do Comitê Executivo do IBBY. De volta ao Chile, Verónica ajudou a formar, em 2006, o Comitê de Evaluación del Centro Lector de Lo Barnechea, em que atuou até 2010. Em 2008, ela criou, juntamente com Claudia Larraguibel, a Ediciones Ekaré

Sur, uma pequena editora independente que publica seus próprios títulos e distribui o catálogo da Ekaré. Verónica foi docente no Máster en Libros y Literatura para Niños y Jóvenes da Universidade Autônoma de Barcelona e participou como jurada de várias premiações internacionais, como o Prêmio Norma-Fundalectura, o Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e juvenil e o Prêmio Hans Christian Andersen.

Verónica também publicou inúmeras adaptações de histórias e versos da tradição crioula, indígena e europeia, entre eles: *El mosquito zumbador*, *Diego y los limones mágicos*, *Diego y la gran cometa voladora* e *El libro de oro de los cuentos de hadas*. No Brasil, Verónica tem publicado *Contos de Assombração* (Ática).

Na cerimônia, que aconteceu no Centro Cultural de Espanha em Santiago do Chile, Verónica conversou com Constanza Mekis, presidente do IBBY Chile, e falou sobre sua família, sua relação com seus parentes escritores, a infância e os livros que a marcaram. A editora também contou sobre seu trabalho na Venezuela com o Banco del Libro e a criação de Ekaré. Sobre o papel de editor, Verónica disse usar uma regra de ouro: fazer livros tão bons, que você mesmo iria querer de presente. Para o futuro, a editora disse ter como desafio pessoal descansar e, profissional, que a Ediciones Ekare Sur continue a fazer poucos e bons livros.





Projeto Silent Books em Lampedusa

A terceira edição da Exposição Silent Books Final Destination Lampedusa já teve início na Biblioteca infantil em Lampedusa, ilha da Itália no Mediterrâneo. De 16 de setembro a 29 de outubro serão apresentados livros de imagem de vários lugares do mundo, além de shows e workshops.

Desde 2012, o projeto Silent Books. From the World to Lampedusa and Back (Livros silenciosos, do mundo para Lampedusa e de volta) do IBBY Itália atende às crianças refugiadas de países da África e do Oriente Médio, bem como as que moram na ilha.

A exposição reúne uma coleção de livros de imagens sem palavras, que podem ser entendidos e apreciados por crianças de qualquer nacionalidade, enviados pelas Seções Nacionais da IBBY.

Esse ano, após o término da exposição, que é itinerante, a Biblioteca Infantil de Lampedusa vai continuar aberta todo o ano para receber os pequenos leitores.



Biblioteca infantil em Lampedusa, ilha da Itália

FNLIJ divulga o Projeto *In Other Words*

Como seção brasileira do IBBY – International Board on Books to Young People, a FNLIJ divulgou para seus mantenedores o Projeto *In Other Words*, da instituição inglesa Book Trust, na expectativa de ver uma publicação brasileira na lista desta edição.

O projeto procura publicações de livros infantis que não foram originalmente escritos em inglês. Um corpo de juízes especialistas vai analisar os livros inscritos para selecionar até dez títulos que vão ser parcialmente traduzidos em setembro

de 2017. Os dez livros serão apresentados às editoras britânicas durante a Feira do Livro de Londres em 2018.

Na primeira edição do projeto, três dos oito títulos da lista final foram adquiridos em terras inglesas.

A BookTrust é uma instituição beneficente que atinge cerca de 3,4 milhões de crianças em todo o Reino Unido com livros, recursos e suporte para promover a leitura.

MARILDA CASTANHA RECEBE PREMIAÇÃO NA ILHA DE NAMI

Aconteceu em maio a entrega das premiações do 3º Concurso de Ilustrações da Ilha de Nami, na Coreia do Sul, e Marilda Castanha esteve presente para receber a medalha da categoria Purple Island pelo livro *Sem Fim*, da editora Positivo, que também recebeu o selo Altamente Recomendável da FNLIJ em 2016 e sua ilustração foi capa do Catálogo FNLIJ's Selection para a Feira de Bolonha 2017.

Na cerimônia, que ocorre durante o Festival Internacional de Livros para Crianças da Ilha de Nami – NAMBOOK, os vencedores foram chamados ao palco um a um para receberem suas medalhas e certificados. A polonesa Małgorzata Gurowska recebeu a premiação máxima, o Grand Prix.

Especialistas e ilustradores internacionais, colaboradores de várias seções IBBY, fazem parte do júri. Os jurados Junko Yokota, Japão/EUA (presidente); Zohreh Ghaeni, Irã, Roger Mello, Brasil; Anastasia Arkhipova, Rússia; Yusof Ismail, Malásia; Yukiko Hiromatsu, Japão; Sung-Ok Han, Coreia do

Sul, analisaram obras de 1770 participantes vindas de 89 países.

Nascida em Belo Horizonte, Marilda é formada em Belas Artes pela UFMG e ainda na universidade começou a ilustrar para livros infantis. A ilustradora já recebeu três prêmios internacionais, um Noma Concours, no Japão, nos anos 1990, para *Pula, gato!* (Editora Santuário - atualmente editora Scipione) e dois em 2000 para *Pindorama, terra das palmeiras* (Editora Formato/Cosac Naify): outro Noma Concours e um Prêmio Octogone, em Paris.

Pela FNLIJ, Marilda recebeu a premiação nas categorias Melhor Ilustração Hors-Concours 2000 para *Pindorama: terra das palmeiras*; Imagem 1993 para *Pula gato!* e Melhor Ilustração Hors-Concours 1999 para *Cantigamente*, de Léo Cunha, ilustrado com Nelson Cruz, Editora Ediouro, além de outros Altamente Recomendáveis.

A ilustradora escreveu para o Notícias FNLIJ um depoimento sobre sua experiência na ilha de Nami.



Marilda e Wally De Doncker, presidente do IBBY



Marilda na sua exposição



Exposição *Sem fim*



Marilda recebe a medalha Purple Island

Viagem à Ilha de Nami | por Marilda Castanha

Hoje, quase três meses depois de ter retornado da Ilha de Nami, sinto que tudo o que vivi na Coreia do Sul não está distante. E são lembranças que também não pretendo esquecer!

Embarquei para a Coreia para participar do festival Nambook e da cerimônia de entrega de premiação do Nami Concours (na categoria Purple Island), com as seguintes recomendações: *Se você levar algum presente para os coreanos embrulhe-os em papel craft e desenhe no embrulho. Eles dão um valor enorme a este gesto, a esta consideração. E qualquer objeto - um livro, um cartão - seja o que for que você for dar a eles, segure e entregue com as duas mãos. E tudo que eles forem te dar receba também igualmente com as duas mãos.*

Estas palavras ouvi da Graça Lima, ilustradora e amiga muito querida, e que anos antes, junto com Roger Mello e Mariana Massarani, também estive na Ilha de Nami. Mais do que conselhos ou “dicas de viagem” ela, num telefonema, afirmava que os coreanos davam total importância ao fazer. E também que, culturalmente, eles valorizam os pequenos gestos, como um desenho pessoal num embrulho ou a forma de entregá-lo. Segui à risca os conselhos da Graça. Escolhi alguns exemplares de livros meus (como o livro *Sem Fim*, da editora Positivo, que foi o título premiado no concurso) e embrulhei em papel craft (com direito a desenhinho, claro!). E estando lá vi que Graça realmente tem razão: há um reconhecimento e respeito pelo fazer, pelo fazer artístico e principalmente pelo trabalho e olhar do outro, do diferente, do estrangeiro. A montagem da exposição é o maior exemplo disto. Cada trabalho premiado tem uma apresentação e montagem própria, em sintonia com o livro em destaque. Tanto a exposição quanto a cerimônia de premiação seguem o mesmo caminho: o de valorizar o trabalho de cada autor/

ilustrador. E isto se estende no carinho e atenção com a qual eles nos recebem e preparam nossa estadia.

Desde a minha chegada, depois de três conexões (Belo Horizonte/São Paulo; São Paulo/Dubai; Dubai/Seoul) e mais de 30 horas (entre vôos e esperas em aeroportos), me senti em casa, pois fui muito bem acolhida pelo comitê de recepção do Nami Concours e também pelos amigos muito queridos Roger Mello e Volnei Canônica. Destes dias que passei nas ilhas de Nami e Jeju, e também na capital Seoul, além da cerimônia de premiação, devo registrar - como pontos altos da viagem - os encontros prazerosos com todos da família Minn (que além de organizadores do Nami Concours, são também patrocinadores do Prêmio Hans Christian Andersen) e as conversas com ilustradores e jurados do Irã, China, Rússia, Portugal, Bélgica, Canadá, Japão, Malásia... Como esquecer as amizades que fiz em uma semana, ou do choro comovente das coreanas ao se despedirem de nós, ou dos encontros divertidos e animados no fim do dia no lobby do hotel ou ainda da visita ao ateliê de Mr. Kang e Roger Mello na ilha de Jeju? E com direito a lançamento do bellissimo livro *Magma Boy* (também do Roger e do Mr Kang). Impossível! De cada uma das pessoas com as quais convivi recebi muito. E tudo que recebi deles foi da forma como Graça Lima me assinalou, “com as duas mãos”.

Relembro também que durante esta conversa com Graça, eu intuía que seria uma viagem marcante. E foi! Realmente só agradeço a todos (inclusive a editora Positivo) que tornaram possível esta experiência. E também torço para que o Nami Concours tenha vida longa e que mais e mais ilustradores brasileiros enviem seus trabalhos e participem, para terem também boas histórias para contar!





Abertura da exposição Linhas de Histórias



A exposição

Exposição *Linhas de Histórias – O livro ilustrado em Sete autores*

A ilustração do livro infantil e juvenil é o tema da exposição *Linhas de Histórias – O Livro ilustrado em Sete Autores* em cartaz no Sesc Santo André, na Vila Guiomar em Santo André, São Paulo, até o dia 26 de novembro.

A mostra, que tem curadoria de Fernando Vilela, Odilon Moraes e Stela Barbieri, investiga o processo de criação de sete autores de livros ilustrados: Andres Sandoval, Ângela Lago, Eva Furnari, Nelson Cruz, Renato Moriconi, Roger Mello e o espanhol Javier Zabala.

A forma encontrada para destacar as particularidades dos artistas foi criar um universo onde cada autor é um planeta que traduz sua identidade poética. As referências em comum entre eles são as ligações que unem os planetas, apre-

sentando, assim, um quadro único da arte de ilustrar.

Para Stela Barbieri, o que moveu os curadores foi a procura do processo de criação dos artistas e o que os alimenta. *Decidimos expor pistas deste processo: suas pesquisas, os esboços de seus livros, além de suas ilustrações e bonecos. Queríamos evidenciar a relação que vemos entre suas obras, para isso, criamos conexões entre os espaços de cada um, mostrando influências e referências, que chamamos de pontes,* destacou a curadora.

A seleção dos nomes teve critérios específicos, segundo Fernando Vilela. *Nesta exposição escolhemos sete autores de diferentes gerações e com trajetórias e obras muito singulares. Entrevistamos cada um dos participantes e visitamos*



Javier Zabala na exposição



Bate-papo com os sete autores e os três curadores

seus locais de trabalho. Isso nos deu subsídios para criar um espaço expositivo específico para cada um deles que abrigasse suas obras e que de alguma maneira revelasse a poética do seu trabalho, disse Vilela.

A exposição também apresenta minidocumentários, que mostram ao público os artistas em sua intimidade, revelando pistas sobre seu processo de criação, que resulta nos livros. O espaço também oferece uma sala de leitura, onde se pode conhecer melhor os livros dos autores, além de uma sala para oficinas.

No dia da abertura da exposição, 8 de julho, os sete autores estiveram presentes para o bate-papo *Processo de invenção do livro* com a participação dos curadores, que foi aberto ao público.

Durante o mês de julho a programação do Sesc Santo André contou com apre-



sentações gratuitas de contações de histórias baseadas nas criações dos artistas.

Conheça mais sobre a exposição e os autores. Acesse o canal do Sesc Santo

André no You Tube para descobrir como foi o processo de montagem e assistir às excelentes entrevistas com os ilustradores.

Novo livro da dupla Marisa Lajolo e Regina Zilberman



Marisa Lajolo



Regina Zilberman

O lançamento de *Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história*, da PUCPress/FTD, de Marisa Lajolo e Regina Zilberman é motivo de comemoração para educadores, bibliotecários e todos interessados em Literatura infantil e Juvenil brasileira.

Nomes de destaque no segmento, as duas especialistas estão juntas novamente para lançar novos olhares sobre o gênero, discutindo novas perspectivas assumidas pela LIJ brasileira contemporânea na obra. Com prefácio de Roger Chartier, especialista em história da leitura da Escola dos Annales com diversas passagens no Brasil, o título percorre a trajetória dos livros impressos e digitais nos últimos 30 anos, discutindo rumos e práticas destas importantes produções literárias.

As autoras discorrem sobre o lançamento em versão eletrônica da obra *A menina no narizinho arrebitado*, pela editora Globo em 2007, um dos primeiros títulos de LIJ a ganhar suporte digital, além de falar sobre a introdução de novas tecnologias eletrônicas, passando pela profissionalização do mercado editorial e seus números a partir da década de 1980, e tópicos que incluem a escola, literatura indígena, ilustração, entre outros.

Segunda Marisa Lajolo, a obra fecha o ciclo iniciado em 1984 com *Literatura Infantil Brasileira: História e Histórias*, da Editora Ática.

Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história pode ser encontrada em versão impressa (Fnac, Livraria Cultura, Livraria Nobel, Livraria Saraiva, Submarino) e em versão digital pela Amazon, Kobo, Google Play e iTunes.

Palestra de Graça Ramos no 19º Salão FNLIJ

Participando pela primeira vez da programação de palestras do Salão FNLIJ do Livro para Crianças e Jovens, a jornalista Graça Ramos, autora do blog do jornal O Globo de 2014 a 2015, *A pequena leitora*, esteve no Encontros Paralelos apresentando a mesa *A crítica da literatura infantojuvenil em tempos de convergência*.

A convite da FNLIJ, a jornalista enviou ao Notícias FNLIJ sua palestra, reproduzida a seguir:



Graça Lima

A crítica da literatura infantojuvenil na era da convergência | Graça Ramos

Começo com a recordação de uma cena de leitura: adolescente pouco dada à rebeldia, aos 15 anos, zangada com uma decisão familiar, decretei greve de silêncio, regada a muita rapadura e dedicada à leitura de *Exodus*, do escritor Leon Uris. Escrita em 1958, a novela fora escolhida em uma biblioteca comunitária próxima à minha casa, sem qualquer recomendação de adultos, apenas por ter percebido que era um volume grosso que me manteria ocupada por muitos dias.

Estava praticamente concluindo a missão a que me impus, que se prolongava por quase duas semanas deitada sobre sofá azul-marinho, quando ganhei um livro de Graciliano Ramos. O presente era tentativa de me fazerem regressar à normalidade, isto é, voltar a falar, a comentar minhas leituras, soltar a língua discorrendo sobre personagens que haviam me fascinado. O mundo das narrativas ficcionais – assim como o dos jornais impressos – exercia impacto grande no meu cotidiano. Gostava de compartilhar as descobertas com o entorno afetivo.

Passei de um livro a outro de maneira quase imediata. Ação incomum, pois costumava permanecer alguns dias vivendo a vida dos personagens. O livro de Uris apresentou-me, talvez, à primeira saga de conteúdo marcadamente ideológico. Ari e Barak, os irmãos protagonistas, entretanto, tiveram pouco espaço para se tornar objeto dos meus comentários. Embora, devo reconhecer, tenham despertado a

curiosidade para pesquisar e compreender melhor a noção de terrorismo – palavra muito usada na mídia daquele período massacrado pela ditadura militar.

A terra dos meninos pelados deixou-me bem mais impressionada que a narrativa sobre a viagem em navio de emigrantes europeus que se dirigiam à Palestina. Graciliano – de quem não sou parente – mobilizou a leitora adolescente em seu imaginário da infância. Reaproximou-me de certo mundo originário, o Nordeste brasileiro, de onde partira pequena para o Planalto Central. Provocou passeio a paisagens afetivas, povoada por crianças de barriga grande, pés descalços e peles de tonalidades variadas.

Reencontrei com alegria o autor de quem, aos 12 anos, já havia lido em *Alexandre e outros heróis*, *Caetés e Vidas secas*, todos lançados pela livraria Martins, exemplares que ainda preservam. Graciliano fora o primeiro autor a me mostrar que ler pode ser jogo de força e sedução, pois seus livros ofereciam à jovem leitora nada de facilidades e provocavam muita produção de sentidos. *A terra dos meninos pelados* me fez voltar a falar entusiasmada, em especial sobre Raimundo Pelado, que se tornou um dos meus heróis, e estimulou reflexões sobre a vida privilegiada que eu tinha se comparada à dos meninos do estranho país chamado Tatipirun, onde todo mundo era careca e cada um tinha olhos de cores diferentes – preto e azul.

Relembro a vida de leitora adolescente para fazer conexões com o presente do livro e da leitura nesta era em que a convergência entre mídias rege nossos modos de receber informação e influi na maneira de lermos o mundo que nos rodeia. Com a convergência, recebemos informações de várias fontes, em formas diferentes e as processamos em conjunto.

É o fenômeno que tornou a troca de informações algo extremamente rápido, que viabiliza recebermos dados em grandes volumes. Marca de nossa era, ocorre muito em função do uso da internet e se popularizou com as redes sociais. Graças à convergência, conseguimos receber quase em tempo real informações sobre os temas mais diversos com uma soma de texto, imagem, voz, possibilidade de interação e mesmo efeitos tridimensionais.

Muito provavelmente, se minha rebeldia fosse hoje, eu saberia do que se tratava cada um dos livros que li antes de lê-los. As surpresas seriam mirradas, porque circulam na rede resumos, perfis e análises de quase tudo quanto é narrativa publicada. Talvez esse manancial de informações tivesse modificado minhas percepções e leituras, e, portanto, a recepção das duas obras. E esse é um dado importante quando pensamos cenas de leituras do contemporâneo.

E por que estabeleço relações entre a leitura feita na adolescência com a crítica da literatura infantojuvenil que praticamos na atualidade – tema do livro que aca-

bo de lançar chamado *Habitar a infância: como ler literatura infanto-juvenil* (Tema Editorial)? É por entender que a convergência mudou a forma de produzir e analisar livros destinados ao segmento infantojuvenil. E, aqui, recordo que Peter Hunt, em *Crítica, Teoria e Literatura infantil* (Cosac Naify), já chamou a atenção para os efeitos operados pela convergência sobre o modelo das narrativas.

O livro infantil da atualidade, penso, deve hoje se aproximar – e muitos se aproximam – do universo hiperlinkado que habitamos. O produto livro não precisa ter necessariamente todos os recursos da convergência – texto visual, texto verbal, voz, possibilidade de interação tecnológica ou efeitos tridimensionais. Porém, para conquistar os novos leitores, aqueles que já nasceram sob o domínio das telas, livros impressos precisam estabelecer paralelos com essa linguagem que tem se tornado onipresente em nossa vida, via laptops, celulares, smartphones.

Exemplifico: Quando fui apresentada à narrativa de Graciliano – texto publicado pela primeira vez em 1939 –, o visual não me chamou a atenção, não exerceu fascínio capaz de competir com a narrativa escrita. Havia ilustrações naquele volume, mas nada que me encantasse em demasia. A preocupação era o verbal, a ilustração não tinha quase importância. Havia nela acentuado efeito de redundância.

Mais tarde, críticas que li sobre aquela edição praticamente apenas mencionavam as ilustrações de Nelson Beira Faedrich (Garatuja, em convênio com o Instituto Nacional do Livro e o Instituto Estadual do Livro, 1975). Da época, recordo apenas de, após finalizar a leitura, ter

estranhado muito a capa: o garoto careca parecia ter os dois olhos da mesma cor. Portanto, ali, a articulação entre o verbal e o visual não explorava o potencial do imaginário.

Há pouco mais de dois anos, resolvi ler uma nova edição de *A terra dos meninos pelados* (Galera Record) e fiquei tão surpresa quanto da primeira vez que entrei em contato com a obra. Agora, além daquele texto verbal marcante e envolvente, havia texto visual também impactante. No caso, essa gramática das imagens realçou a narrativa verbal.

As ilustrações, do sobrinho-neto de Graciliano, Jean-Claude Ramos, foram feitas digitalmente e conversavam com a mancha gráfica, pois o papel era bege e as letras, roxas. Havia uma borda em cada página como se fosse a delimitação de fronteiras. Tal desenho imprimiu ritmo diferente na narrativa verbal, que, comparativamente, se alterou em função da interação entre texto + imagem + design gráfico.

Comento essas diferenças para demonstrar que, quando decido fazer a crítica de um livro infantil, levo em conta toda a interação entre as diferentes instâncias. Costumo creditar ao texto visual o mesmo peso do verbal e atribuo muita importância ao projeto gráfico.

No que se refere ao juvenil, as inovações não são tão fortes quanto no infantil. As narrativas recebem de maneira geral edições de dicção mais tradicional, embora muitas obras incluam desenho de recursos típicos da era da internet: reproduzem trocas de e-mails ou abrem links de leitura, por exemplo.

Entretanto, no que se refere ao extraliterário, no juvenil ocorre fenômeno bastan-

te típico da contemporaneidade. Quase todos os jovens escritores que se dedicam ao segmento possuem atuação bastante forte em redes sociais. Interação constantemente com os leitores, o que ajuda a gerar sucessos de massa. Se, no passado, basicamente músicos e atores despertavam essa euforia dos fãs, hoje escritoras, em especial, e escritores provocam esse movimento, o que é fenômeno a ser estudado.

Há ainda outra questão, provavelmente, o mais influente efeito da comunicação digital sobre a leitura: muitas dessas narrativas geram fanfictions, versões criadas pelos leitores para as histórias que leram. Muitas vezes, as fanfic, ou simplesmente fic, somam texto, imagem e som, possibilidade antes impossível. Recriar o texto-base não configura algo novo, pois a experiência de leitores se apropriarem da narrativa lida para criar outra versão é muito anterior ao aparecimento do cyberspaço, como já nos ensinaram versões paródicas de poemas e mesmo romances. A questão é que esse comportamento se tornou massivo, é cada vez mais frequente e muitas vezes incorre em apropriações excessivas do texto alheio.

Diante de todas essas transformações, e aqui faço apenas uma projeção – não é um estudo –, penso que a leitura, definida como um ato essencialmente de concentração, no futuro, talvez venha a ser considerada um ato de interação. Pois, hoje ainda lidamos mais com as narrativas tradicionais (lineares), aquelas que estamos habituados a ler, e menos com as hipertextuais, feitas com muitas e variadas possibilidades de interação. Mais à frente, há muitas chances, de estas últimas se tornarem predominantes.

Nesse cenário de tantas novidades geradas pela transição entre o domínio do papel e o crescimento da linguagem das telas, continuo a professar uma certeza. Ela diz respeito à importância cada vez maior do papel a ser desempenhado por aqueles que funcionam como mediadores entre o livro e a criança – pais e professores, em especial. Afinal, somos nós os responsáveis pela construção do sujeito leitor e tal construção só ocorre ao tecermos uma rede – aqui presencial – de afetos que se entrelaçam e partem do respeito à criança, por mais pequenina que seja, como produtora de sentidos.



Elisabeth Serra, Graça Lima e Luiz Percival de Brito



Te regalo el mar - Coletânea de textos latino-americanos feita pela Bolívia

Em passagem pelo Rio de Janeiro, Verónica Linares, presidente da Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil, pediu a FNLIJ para entregar dois exemplares do livro *Te regalo el mar* para a escritora Ana Maria Machado e o ilustrador Renato Arlarcão.

A obra é uma coletânea de 74 histórias, poemas e ensaios curtos de 32 autores latino-americanos abordando o tema do mar, produzida pela Academia Boliviana

de Literatura Infantil y Juvenil com o apoio do Ministério da Cultura e Turismo para ser distribuído às bibliotecas das escolas no país.

Os autores brasileiros que participaram da obra foram Ana Maria Machado, Luiz Carlos Neves, Luciana Sandroni, Lygia Bojunga, Nilma Larcercda e Renato Alarcão.

O Notícias FNLIJ divulga mais essa produção que valoriza o texto e a ilustração latino-americana.

movimento por um Brasil literário
*m*Brasil*lit*

Acesse www.brasilliterario.org.br e saiba mais



QUERO MINHA
BIBLIOTECA

Acesse www.euquerominhabiblioteca.org.br

FNLIJ | SEÇÃO BRASILEIRA DO INTERNATIONAL BOARD ON BOOK FOR YOUNG PEOPLE – *iBbY*

Mantenedores Abacate Editorial Ltda; Associação Brasileira de Editores de Livros; Autêntica Editora Ltda; B4 Editores; Brinque-Book Editora de Livros Ltda; Câmara Brasileira do Livro; Cereja Editora Ltda; Ciranda Cultural Editora e Distribuidora Ltda; Cortez Editora e Livraria Ltda; Edelbra Indústria Gráfica e Ed Ltda; Edições SM Ltda; Ediouro Publicações S/A; Editora 34 Ltda; Editora Ática S/A; Editora Bertrand Brasil Ltda; Editora Biruta Ltda; Editora DCL; Editora do Brasil S/A; Editora FTD S/A; Editora Globo S/A; Editora Iluminuras Ltda; Editora José Olympio Ltda; Editora Lê Ltda; Editora Manole Ltda; Editora Melhoramentos Ltda; Editora Moderna Ltda; Editora Mundo Jovem 2004 Ltda; Editora Nova Fronteira Partic. S/A; Editora Original Ltda - EPP; Editora Paz e Terra Ltda; Editora Peirópolis Ltda; Editora Planeta do Brasil Ltda; Editora Positivo Ltda; Editora Pulo do Gato Ltda; Editora Record Ltda; Editora Rocco Ltda; Editora Scipione Ltda; Editora Schwarcz Ltda; Fund. Cult. Casa Lygia Bojunga; Girassol Brasil Edições Ltda; Global Editora e Distribuidora Ltda; Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas; Jorge Zahar Editora Ltda; Jujuba Editora; Leya Editora; Marcos Pereira; Meneghetti Gráfica e Editora Ltda; Pia Soc. Filhas de São Paulo; Pia Sociedade de São Paulo; PwC; RHJ Livros Ltda; Rovelle Edições e Com. de Livros Ltda; Salamandra Editorial Ltda; Saraiva Educação; Scoppio Editoria Ltda; SDS Editora de livros EIRELL; Sesi SP Editora; Sindicato Nacional dos Editores de Livros; Vergara e Riba Editoras Ltda; Verus Editora Ltda e WMF Martins Fontes Editora Ltda.

Expediente Editor: Elizabeth D'Angelo Serra; **Jornalista:** Cristina Bacelar; **Projeto Gráfico e Diagramação:** Estúdio Versalete; **Impressão:** PwC. **Gestão** FNLIJ 2017-2020 **Conselho Curador:** Anna Maria Rennhack, Christine Castilho Fontelles, Guilherme Pinto Zincone, Ísis Valéria Gomes, Leonardo Chianca e Roberto Ferreira Leal; **Conselho Diretor:** Wander Soares (Presidente), Marisa de Almeida Borba e Daniele Cajueiro; **Conselho Fiscal:** Henrique Luz, Jorge Henrique Carneiro e Marcos Veiga Pereira; **Suplentes:** Amir Piedade, Diego Drumond e Lima e Paulo Rocco. **Conselho Consultivo:** Alfredo Weisflog, Annete Baldi, Beatriz Bozano Hetzel, Eny Maia, Ione Meloni Nassar, José de Alencar Mayrink, Lilia Schwarcz, Lygia Bojunga, Maria Antonieta Cunha e Silvia Gandelman; **Secretária Geral:** Elizabeth D'Angelo Serra.

Apoio



Resistência | Maria Teresa Andruetto

Cada convite para preparar uma conferência é como uma encosta que me disponho a subir. Um par de meses antes começo a pensar no assunto, a ler algumas coisas, a reler outras. Nunca sei muito bem para onde me levarão as derivações do pensamento nem as palavras, porque a questão não é tanto vir aqui dizer algo digno de vocês - do esforço que faz com que vocês estejam me ouvindo - mas sim tentar eu mesma compreender algumas questões que vão se tornando visíveis à medida que escrevo. Não tenho um planejamento anterior (embora menos casual que a escrita de ficção, aqui também tudo é bastante imprevisível), tenho só um fio que me conduz um pouco às cegas, não totalmente, um fio em muitos casos proposto por quem me convida, proposto e aceito por mim justamente porque me interroga. Neste caso, a proposta é da ALIJA, - a cuja direção agradeço o convite para abrir este Encontro - e este título, que a princípio era só uma intuição que não sabíamos como seria levada adiante, apareceu assim - neste nosso tempo de resistir - na palavra Resistência.

Resistência, resistir, o que resiste, aquilo a que se resiste, em volta disso tentei pensar: na resistência e na permanência da literatura na história da humanidade; na resistência da linguagem quando a escritura não é especulativa, porque escrever é, afinal, luta contra uma linguagem que resiste à desconstrução com que queremos levá-la a dizer algo além do convencional. Também penso na resistência do leitor a transitar naquilo que ainda não compreende (que é o que fazemos quando lemos sem especulações de outra ordem) e assim evitar ser arrasado pela palavra standard. E a resistência no sentido oposto daquilo que resistimos a mudar, daquilo que se fecha sobre si mesmo sem frestas, para nos adormecer em lugares seguros do pensar e do sentir. E, finalmente, o fervor com que um conjunto de pessoas que constitui um setor muito amplo da sociedade, se opõe a certas coisas e luta por outras tantas, suporta sem deixar-se destruir, não dá o braço a torcer, encara o que chega, enfrenta, mantém suas convicções com tenacidade, aguenta firme ou se revolta (1).

Temos resistido neste país? Sim, é o que temos feito durante anos, de diferentes maneiras e ainda assim não é suficiente, e ainda assim precisamos, mais que nunca, continuar resistindo. É provável que a força seja menos necessária que a capacidade de aguentar, o que - nem preciso dizer - é pura

resistência, para sustentar um tecido social que faça sentido e dê sutura.

O livro, um livro

Um bom livro se propõe a fornecer aos leitores os meios para que deixem de ser meros receptores e se tornem agentes de uma prática discursiva, diríamos de acordo com Jacques Rancière, que fala de espectadores nesse livro esplêndido que é *El espectador emancipado* (O espectador emancipado). A pergunta então seria, como ser um leitor emancipado, o que fazer para contribuir não só para que as crianças e os jovens leiam, mas para resistir em busca de algo mais profundo, em busca daquilo que - de acordo com Rancière - chamaríamos emancipar (2).

A transmissão direta do idêntico embrutece, porque o que se apreende não é tanto o saber, e sim o modo de saber. No ato do aprendizado, mestre e aprendiz estão unidos por essa terceira coisa (no nosso caso, um livro), trata-se, então, da transmissão de uma terceira coisa da qual ninguém é proprietário, a respeito da qual ninguém tem opinião fechada, para abrir-se ambos ao desconhecido (sentir-se inseguro ajuda, o medo de não saber o suficiente dá forças, os desvios e as desobediências provocam encontros inesperados...) porque *num teatro... como em um museu, uma escola ou uma rua, nunca há outra coisa além de indivíduos que traçam seu próprio caminho na selva das coisas, dos atos e dos signos*, diz Rancière.

É o poder que cada um de nós tem de traduzir à sua maneira aquilo que percebe, porque no ato de ler ligamos a todo momento o que vemos com o que já vimos ou dissemos ou fizemos ou sonhamos. Nesse poder de associar e dissociar, em percursos que, de tão particulares, são únicos porque ir em busca do desconhecido é descobrir, é *aprofundar ali onde ao mesmo tempo dá pé e não dá*, como diz Jorge Larrosa citando Peter Handke, reside a emancipação de cada um de nós como leitor. *Nesse encontro que não é nem apropriação nem um mero re-conhecimento em que se encontra o que já se sabe e o que já se tem, mas sim um autêntico cara a cara com o enigma, uma verdadeira experiência, um encontro com o estranho e o desconhecido que não pode ser reconhecido nem apropriado... (...)... o sujeito da experiência... sabe enfrentar o outro enquanto outro e está disposto a perder pé e a deixar-se*

derrubar e arrastar pelo que vier ao seu encontro. O sujeito da experiência está disposto a transformar-se numa direção desconhecida (3).

A pergunta sartreana

Tudo isso nos leva à relação da arte com as temáticas sociais e àquela pergunta sartreana. “Quando um escritor se compromete, o que é que está sendo comprometido? A escritura ou sua pessoa?”. É algo sobre o que me interessa refletir, porque a própria escritura por onde ando roça com frequência nesses assuntos. Ajudo-me outra vez nessas reflexões com a palavra de Rancière, damos por descontado que falar de certas coisas tem uma certa eficácia, algo como o fato de um livro ter uma finalidade ou uma utilidade social *porque* mostra os problemas de uma sociedade, *porque* mostra a dominação de uns sobre outros mais pobres ou fracos. Trata-se de uma tradição mimética em que se procuram assuntos condenáveis para condená-los na ficção e nos quais, entretanto, muitas vezes as formas que se pretendem artísticas e comprometidas são conservadoras das posições ou ideologias que querem recusar ou combater. Essa ideia - tão instalada ainda hoje no mundo dos livros infantis e sobretudo na chamada literatura juvenil - consiste em supor que a arte nos leva à indignação porque nos mostra coisas que nos indignam, porém, a suposição é equivocada, ou em todo caso insuficiente, porque a escritura que se propõe criar ficções para que as crianças conheçam a dominação, o abuso, a condição das mulheres, e a sexualidade, muitas vezes valida modelos estéticos que já eram velhos faz vinte ou trinta anos. Claro que essa não é uma condição inelutável, depende de como o escritor resolve o problema. *As questões mais fortes da relação entre literatura e política levam ao realismo, diz Martin Kohan, ou seja, condicionam a literatura a um tipo de representação da realidade social e política e isso pode ser empobrecedor. A linguagem posta a disposição das certezas conceituais limita a potência da literatura. Mas a articulação entre literatura e política não precisa, necessariamente, passar por esses termos, e esse é o desafio...(...). O pensamento político encontra sua maior potência literária quando entrelaçado com o trabalho da forma e a elaboração da linguagem.* Entretanto, o que acontece em tantos livros pensados para adolescentes que - leio por aí - constituem um dos pilares de sustentação econômica da indústria editorial? Coleções que cruzam história com literatura, ficções escritas e publicadas visando uma efeméride, sagas que imitam outras sagas mais bem-sucedidas (livros blockbuster vindos do Norte), livros sobre temas ditos difíceis ou inquietantes, da transexualidade às incapacidades, do grooming ao bullying, do hermafroditismo aos casais homoparentais. Leio, dito por uma editora: “Antes talvez não fosse tão contemplada a morte de um adolescente: hoje são êxitos de venda. Sempre houve crueldade na literatura infantil, porém hoje se mostra uma enfermidade terminal como sendo uma possibilidade para um jovem, e se mostra como viverá esses últimos três meses que lhe restam: no

máximo, como todo adolescente. E cita títulos como *El arte de ser normal*” (A arte de ser normal) ou *David es un chico que quiere ser una chica* (Davi é um menino que quer ser uma menina). Basta essa indicação, vocês me desculpem, para que eu me disponha a descartar o livro. Em alguns livros que escrevi e que foram publicados em coleções destinadas a crianças ou jovens, abordei assuntos que também poderíamos considerar difíceis - se é que existe na escritura algum caminho que não seja difícil - livros em que se fala de questões como a síndrome de Down, a pobreza, a revolta popular ou um homem fascinado por outro homem. Entretanto, para minha sorte, esses livros não foram promovidos pelos respectivos editores (que pertencem a diversas editoras) como livros sobre tal ou tal assunto; gosto de pensar que isso não aconteceu porque esses livros tinham algo mais para dar do que um único argumento. Pode ser que, se lhes tivesse dado outro título (por exemplo *História de uma menina e seu irmãozinho Down*, em vez de *A menina, o coração e a casa* ou *O povo revolucionário jamais será vencido* ou *A revolucionária de maio*, em lugar de *La durmiente*, para dar apenas dois exemplos) teriam tido mais êxito de venda, pode ser também que vendessem rapidamente e muito e em seguida nada, vá saber. Com isso quero dizer que a trama que sustenta livro e autor está em todos os átomos que constituem uma obra, a começar do título, passando pelas ações às quais se presta, desde escritor e ilustrador até editores, e se enraíza basicamente numa concepção da linguagem, da infância, do leitor e da arte.

Nada é fácil quando o caminho da busca até a obra é verdadeiro. Pessoalmente, acho que o mais difícil de tudo seria contar bem uma simples história de amor, porque acontece como com uma camisa branca, nesses temas simples e por demais frequentados se nota mais que em qualquer outra parte se o tecido é de boa qualidade, se o corte é bem feito, se a costura está certa. Assim é a questão do fácil e do difícil, de modo que todas essas denominações de livros com temas tabus e livros difíceis ou inquietantes... podem talvez servir para efeitos explicativos, mas, no fundo, resultam ingênuas, quando não decididamente bobas.

Diz outra editora: *Há pessoas que querem livros para que as crianças entendam que seus pais se separaram ou que a avó morreu. Vamos por esse caminho: como estamos vendo, os tempos voam, as crianças mudam, o mercado cresce, a literatura se ajusta e se torna mais abrangente, porém digo para mim mesma que se os jovens querem ver-se refletidos nas personagens dos livros, ou os pais dos jovens querem o mesmo. Caímos no lugar comum de buscar sempre uma narrativa previsível até a exaustão, livros oportunistas que se afogam em um mar de lugares comuns. “O que me parece interessante da literatura juvenil” - diz uma terceira editora - é que quando o texto é bom...são livros que não têm uma faixa etária definida. Nos livros bons os limites de idade são difusos.* Trata-se justamente disso, de modo que, uma vez mais, precisamos falar da experiência estética, das tensões entre

autonomia e literatura e das tensões entre literatura e literatura infantil. O poeta espanhol Juan Carlos Mestre fala da poesia, mas poderíamos estender suas palavras a toda forma de arte, *é, por excelência, o discurso da desobediência* - diz ele. *Podemos ter as ideias mais comoventes, mais piedosas, mas misericordiosas em relação ao mundo, mas se não as sabemos expressar, é como se não existissem. Daí a importância da palavra na cultura contemporânea; não essa palavra saqueada pela publicidade e pela soberba obstinação do poder, a poesia é um ato de legítima defesa contra essa soberba* (5).

No ano passado chegou em minhas mãos uma coleção de livros para crianças assinados por Alejandra Araya, financiada pelo Ministério de Minería (Ministério de Mineração) de San Juan, com uma tiragem de 50.000 exemplares e distribuição gratuita. Os livros têm títulos como *Piedra y Montaña* (Pedra e montanha) ou *La brujita Basurita* (A bruxinha Lixinho) e promovem as bondades da mineração a céu aberto. São livros absolutamente feios em sua fatura, texto e imagens, além de promover uma forma de extrativismo com a qual, eu pelo menos, não concordo. Livros - de algum modo temos que chamá-los - desagradáveis em todos os sentidos, fabricados com um interesse específico - promover uma atividade, conter o ativismo ambiental na região através do convencimento das crianças - custeados pelo Estado, aprovados e produzidos com os recursos de um de seus ministérios, recursos que imagino tenham sido obtidos através de dinheiro de impostos. Se falo deles é porque neles se concentram - de maneira grotesca - todas as perguntas que nos fazemos a respeito de livros e leitura, desde as questões estéticas até as temáticas, desde a fabricação e distribuição de livros com uma finalidade específica, até a utilização de recursos do Estado, passando pelo projeto pedagógico num sentido que é com certeza particularmente nefasto. É um exemplo extremo, sei disso, porém pode levar-nos a pensar em outros livros de melhor qualidade estética ou intenção mais disfarçada editados em nosso país e fora dele. Na sequência dessas perguntas, gostaria de trazer, como exemplo, dois livros. Um deles, que todos certamente conhecem, é *Rey y Rey*, das holandesas Linda De Haan e Stern Nijland, editado por Serres em 2005.

Conhecem o enredo, não é mesmo? A rainha diz ao filho que deve casar-se. O filho aceita conhecer as princesas mais bonitas e famosas. Não gosta de nenhuma, até que uma delas chega com o irmão e então acontece o final clássico, príncipe e príncipe se apaixonam, o príncipe se casa com o outro príncipe e vivem felizes para sempre. *Devido à ausência de livros que tratem da diversidade de famílias, de laços, de modos de ser e de relaciona-se, o mercado se contentou em oferecer uma coleção de histórias elementares onde aparecem duas mães ou dois pais em cenas tão convencionais quanto as das perfeitas famílias hetero. Isso basta? Ou isto aumenta a ausência anterior? O que mais existe por trás do discurso didático da tolerância?* pergunta-se Gustavo Puerta Leisse (6). Temos ouvido falar da ousadia deste livro, ouvido falar

da tolerância, palavra que por si mesma reflete intolerância, porque tolerar é quase aceitar de má vontade algo com que não concordamos. Escrituras binárias, sem conflitos, como se os casais do mesmo sexo não tivessem conflitos. Que o livro seja um dispositivo para a formação moral da criança é algo que temos muito arraigado, e está relacionado com uma visão evangélica do livro, *O estilo é tudo o que tenho, o estilo, e nada mais. Não há mensagens nos meus livros, isso é assunto da Igreja*, dizia Celine (9), no estilo de um artista estão toda a sua ousadia, sua rebelião, sua valentia, sua identidade política, diz citando-o, Ariana Harwicz, em artigo recente. O problema é até que ponto tudo se recicla substituindo velhos estereótipos por outros novos. Assim, se fala das muitas questões para as quais o livro serve, mas não se diz de sua estética conservadora, de como a forma com a qual se diz aquilo que se diz têm uma ideologia contrária ao assunto que trata, nem da simplificação e dos estereótipos que apresenta, estereótipos tão estereotipados quanto os livros estereotipados sobre as princesas e seus amores que começamos a questionar nos anos oitenta. Neste caso coincido com o assunto do livro, me parece que cada um tem o direito de escolher um companheiro ou companheira de vida, assim como de escolher relações ocasionais. E esse assunto, por sua vez, tem a ver com questões sociais contemporâneas, pois uma parte importante da sociedade - na qual me incluo - tem lutado pelo casamento igualitário, pelo direito dos casais homoparentais terem filhos, etc. O que não me impede de ver aqui um conto velho, simplificado ao extremo, sem conflitos nem tensões, feito com ideias mais do que com palavras (o maior perigo para um escritor), um texto mimético em relação àqueles relatos que tanto nos irritavam sobre escolha de companheiro para as meninas de outros tempos, mimético em relação aos contos tradicionais de princesas, mas ao qual se subtraíram toda tensão e complexidade da trama e toda riqueza da linguagem e todo diálogo com a contemporaneidade. Enfim, estão mais vivos do que nunca os estereótipos, o desejo de doutrinar e a pedagogização que bem percebem os resenhadores quando falam de um livro recomendável que pais e professores devem conhecer... não sou totalmente contra contos com ensinamentos (por caminhos transversos e inesperados a literatura acaba nos ensinando muitas coisas) se houver neles um trabalho de linguagem rico e aberto a sugestões, como acontece em muitos contos da tradição literária, dos contos sufies ao zen, passando pelos contos maravilhosos árabes, andinos, nórdicos, hindus e japoneses, mas esses contos e lendas sobrevivem até hoje devido à complexidade e riqueza de assuntos e linguagem e à maravilhosa condensação feita pelo tempo, mas reprovava livros que, sem essa riqueza, constroem histórias superficiais e maniqueístas para facilitar a vida do leitor; ou seja não para emancipá-lo mas para mantê-lo na não emancipação.

Já no séc. XVIII na Europa, o modelo mimético dominante (o naturalismo) foi impugnado, a literatura como um espelho de aumento em que os leitores são convidados a ver,



Maria Teresa Andruetto é nascida em Córdoba, Argentina, Maria Teresa Andruetto, é formada em Letras Modernas pela Universidad Nacional de Córdoba. Cofundadora do CEDILIJ (Centro de Difusión e Investigación de Literatura Infantil y Juvenil), onde trabalhou durante uma década como parte da equipe docente e executiva. .

O seu extenso trabalho literário inclui, entre outros, *Stefano, O país de João, A menina, o coração e a casa*, traduzidos por Marina Colasanti e lançados pela Global Editora.

Dentre as distinções recebidas, estão o Prêmio Hans Christian Andersen de 2012, Prêmio Iberoamericano SM de Literatura Infantil e Juvenil, em 2009, *White Ravens* e *Lista de Honra da IBBY*.

Conferência de abertura do V Encuentro de Latinoamérica y el Caribe, que aconteceu em Buenos Aires, Argentina, de 25 a 27 de abril de 2017. O evento é o encontro bienal das seções IBBY – International Board on Books for Young People da América Latina que buscam expor e planejar ações próprias, trocar experiências e discutir políticas relacionadas com a formação de leitores de literatura infantil e juvenil na região.

sob formas ficcionais, os vícios e as virtudes deste mundo. A vocação edificante dos séculos XVII e XVIII em literatura parece distante do nosso modo de pensar e sentir, entretanto persiste em muitos livros destinados a leitores em formação. O *modelo pedagógico da eficácia da arte*, como o chama Rabci'ere. Já não acreditamos em corrigir comportamentos através da ficção, porém, embora os objetivos pareçam outros, o mecanismo é o mesmo. O que esperam um escritor, um ilustrador e um editor, quando fabricam uma ficção mimética? Porque é importante dizer que muitas vezes esses livros, mais do que escritos e ilustrados, são fabricados, ou seja são construídos em equipe, racionalmente, com finalidades específicas, expectativas e propósitos predeterminados em que o escritor organiza e ajusta o relato de acordo com a demanda de outros, que por sua vez respondem a demandas maiores de escola, mercado e empresa. O que se espera? Simpatia pelos que sofrem? Transformação dos dominadores? Utilização da desgraça alheia para vender livros? O problema não é a validade moral ou política da mensagem transmitida através da escritura, e sim a própria escritura, já que a eficácia da escritura não consiste em transmitir mensagens, nem em oferecer modelos ou contra modelos de comportamento, consiste, antes de mais nada, em uma experiência de linguagem e em algo que está além das palavras e que através delas encontra sua saída. *Partir de algo interior para encontrar uma forma, uma conexão comigo mesma para fundir-me, para esquecer-me, para chegar à embriaguez*, diz Binoche disso que vai além do corpo, disso que passa de um ser a outro na necessidade de dar-se, *eu creio que me dou para fazer renascer no outro a possibilidade de amor*, diz ela ainda, porque o que comove é a verdade, uma verdade que se descobre enquanto se escreve ou enquanto se lê e nunca previamente(4).

Bibliografía

¹ Gran Diccionario de la Lengua Española, © 2016 Larousse Editorial, S.L.

Diccionario de uso del español, de María Moliner (Gredos, Madrid, 1992)

² Jacques Ranciere. *El espectador emancipado*. Bordes/Manantial, Buenos Aires, 2011

³ Jorge Larrosa. *Pedagogía profana: estudios sobre lenguaje, subjetividad, formación* Novedades educativas, 1994.

⁴ Juliete Binoche, *una mirada íntima*. www.rtv.es.lanochetemática

⁵ <http://www.bembibredigital.com/culturayespectaculos/10783-mestre-la-poesia-es-por-excelencia-el-discurso-de-la-desobediencia>

⁶ Gustavo Puerta Leisse. *El emperador está desnudo: Panorama crítico de la literatura infantil* (El Cultural, 20/12/2007) <http://www.elcultural.com/revista/letras/El-emperador-esta-desnudo/21998>

⁷ *Diversidad cultural?* <http://www.galtzagorri.eus/fitx/irudiak/File/>

Gustavo_Puertaren_artikuluua_Gazteleraz.pdf Niños sí, infantiles no. Por Dolores Curia <http://www.pagina12.com.ar/diario/suplementos/soy/1-4269-2015-11-21.html>

Viernes 20 de noviembre de 2015. Entrevista a Gustavo Puerta Leisse, fundador de la escuela peripatética de literatura infantil.

Buenas intenciones, malas prácticas (video conferencia)

https://www.youtube.com/watch?v=o_gTYqF01L8

⁷ Silvina Frieri <https://www.pagina12.com.ar/26400-la-fiesta-de-una-actividad-en-crisis>

⁸ Pascal Quignard: www.unabellezanueva.org. Programa UNA BELLEZA NUEVA, "Reflexiones desde el arte" entrevista de Cristian Wainken a Pascal Quignard, 20 de junio de 2007.

⁹ Louis Ferdinand Celine. *Interview avec Robert Stromberg*, Evergreen Review, té 1960. <http://louisferdinandceline.free.fr/art/art2.htm> Ariana Harwicz. *Cunas de poder: a 35 años de Malvinas*. <http://www.etemacadencia.com.ar/blog/contenidos-originales/colaboraciones/item/cunas-de-poder-malvinas.html#>. WOJLPdkYm6A.facebook



ENCARTE NOTÍCIAS 09 | SETEMBRO 2017

FUNDAÇÃO NACIONAL DO LIVRO
INFANTIL E JUVENIL

Responsável: Elizabeth D'Angelo Serra